

REALIDADES LGBTQIAPN+

Uma questão para a formação de professores de línguas?

Rafael de Sousa Lopes Nascimento
(tccrafaelufmg@gmail.com)
Doutorando - POSLIN/UFG

Resumo: Este trabalho busca trazer reflexões sobre a agência do professor de línguas diante das realidades ditas dissidentes, dos corpos conformados na sigla LGBTQIAPN+. Partimos de uma reflexão acerca dos efeitos do saber científico consolidado sobre estes corpos rumo ao olhar decolonial crítico que desconstrói verdades colonizadoras. Trouxemos trechos de uma realidade dissidente, de nossa pesquisa de mestrado, que nos apontam a necessidade de uma formação integral do aluno para as questões de gênero e sexualidade na escola, bem como do professor de línguas.

Palavras-chave: formação de professores; realidades LGBTQIAPN+; ensino de línguas.

Introdução

Outrora já havia iniciado esta discussão, em outro artigo (NASCIMENTO, 2022)¹, em que trouxe reflexões e questionamentos sobre os corpos dissidentes², de forma a questionar a BNCC (2018), a BNC-formação (2019) e meu próprio percurso enquanto professor de inglês. Pude dialogar com os Estudos Queer, de Gênero e a “ética da não violência” proposta por Butler (2011; 2015; 2017) em diálogo com alguns expoentes, tais como Hannah Arendt e Susan Sontag. Chego à (in)conclusão de que:

O meu trabalho se inscreve na falta. A falta da formação acadêmica impossibilita a agência desse professor para com as realidades LGBTQIA+. É preciso pesquisas urgentes que demonstrem na prática que o professor de inglês está “sozinho” nas questões que concernem gênero e sexualidade (NASCIMENTO, 2022, p.18).

O que mudou de lá pra cá foi a consciência de tal questionamento. A dimensão da falta não está somente na formação, mas, também, na dimensão escolar, dos discursos que atravessam a comunidade escolar, desde a secretaria de educação da cidade, ao plano pedagógico proposto pela gestão/ coordenação e às crenças e valores de mães e pais.

¹ Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1674/1457>

² O corpo dissidente é aquele que rompe com o jogo da cis-heteronormatividade compulsória.

Evidentemente, tais discursos interpelam o professor de línguas que, caso lhe falte criticidade e formação diante das temáticas de gênero e sexualidade, pode acabar cedendo ao discurso conservador, cis-heteronormativo e colonizador.

Questionando os saberes que nos colonizam

Questionar as verdades impostas, desconstruir roteiros de vida e identificar os interesses por detrás de um saber tem sido um convite de Foucault desde sua obra “*A arqueologia do saber*”, em que salienta que:

Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam: é colocá-la novamente em questão como formação discursiva; **é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas** [grifo nosso] ([1969] 1972, p.208).

O que Foucault quer dizer é que o saber nos serve, no sentido de estar a nosso serviço. Portanto, os saberes constituídos e sedimentados nas trilhas da História são acionados de modo a (des)construir práticas sociais e, assim, estabelecer os roteiros de vida e o destino dos corpos no social. O saber científico é aquele que, segundo Lacan (1969), se constitui enquanto verdade absoluta, de ordem imaginária, e ao ser acionado no discurso tenta se impor como destituído de um corpo, de um sujeito que o fabrica. Nessa imposição, considera o seu interlocutor como desprovido de qualquer saber, qualquer ontogênese e singularidade. Grosso modo, a Ciência tende a destituir de suas verdades o caráter político de suas práticas, o potencial de poder em seu exercício iterável. Portanto, é preciso questionar aquilo que se estabelece como verdade em nossas vivências diárias.

Considerando o supracitado, podemos nos voltar para as verdades acionadas via Ciência para denominar corpos LGBTQIAPN³ que, não coincidentemente, vão ao encontro do discurso religioso. Religião e Ciência caminham inseparáveis nessa corrida

³ Lésbicas, gays, bissexuais, trans/ travestis/ transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binários e o + para outras denominações que surgirem.

pela verdade que conforma os corpos para deles extrair o tutano que mantém de pé a única realidade aceitável e replicável: o corpo com pênis nasceu para o corpo com vagina e assim ambos devem constituir a família, cujas crianças também gerarão suas famílias, em um ciclo sem fim, porque Deus assim o quis e porque a Ciência prova que é assim que deve ser, coincidindo com a vontade de Deus. Quanta benção!

Edelman (2021) e Gutmann (2009) já questionaram, cada um à sua maneira, esse roteiro. Para Edelman, a Criança (com maiúscula porque indica um construto) torna-se uma categoria de análise de práticas sociais. A Criança é o fio condutor de todo um esquema robusto de práticas, uma hospedeira de uma estrutura política que deve ser perpetuada (EDELMAN, 2021), um sistema burguês cujo epicentro é a cis-heterossexualidade compulsória, faltando nessa ciranda a Mãe reprodutora e o Pai provedor (LIMA, 2014). Para Gutmann, há um certo “fetiche totêmico da sexualidade masculina” (2009, p.5) característico de um sistema “pós-moderno, modelado sobre convicções políticas que unem uma ordem de gênero que vem de muito tempo atrás” (GUTMANN, 2009, p.6). Tais convicções atrelam o corpo com pênis à reprodução compulsória, como se na masculinidade naturalmente habitasse o desejo de ter filhos. Ou seja, para a Ciência e para o discurso religioso-colonizador dos corpos, e que fundam nosso sistema social vigente, os corpos devem desejar (re)produzir família/ procriar, o que atende às demandas burguesas do Capital e aos interesses do poder político. Entretanto, o corpo com vagina, deve performar o gênero feminino e o corpo com pênis deve performar o masculino. Qualquer outra configuração que fuja disso será vista como uma anomalia, como sugere Sax ([2005] 20019).

Retomando o já dito, os saberes constituídos e sedimentados nas trilhas da História são acionados de modo a (des)construir práticas sociais e, assim, estabelecer os roteiros de vida e o destino dos corpos no social. De onde vem tudo isso? Salientamos, carx leitxr, que o questionamento abre brechas em oposição à conformidade. Usamos previamente a palavra e sintagma “colonizar” e “saberes que nos colonizam”, e passamos a problematizá-los para que possamos expandir nosso olhar para a cena.

Ao escrever meu artigo (NASCIMENTO, 2022), ainda em meu percurso do mestrado, meu contato com os Estudos Decoloniais fora um tanto quanto incipiente,

apenas algumas poucas pesquisas que se aproximavam deles. Ao escrever minha pesquisa de mestrado (NASCIMENTO, 2022b), em que abordo a realidade de uma professora de inglês trans, abro os trabalhos com a cena do indígena Tupinambá Tibira que, em seu encontro com o missionário francês da Ordem dos Capuchinhos Yves d'Évreux, é brutalmente assassinado na boca de um canhão, no Forte de São Luiz do Maranhão em 1614, por ser considerado avesso à ordem cis-heteronormativa, servindo como exemplo do que um corpo pode, ou não, fazer segundo as leis de Deus (FERNANDES, 2015). Em 2016, um monumento foi erguido, não apenas como uma homenagem ao nosso mártir, mas como marco do primeiro crime cometido contra um corpo LGBTQIAPN+.

Imagem 1 - Indígena Tupinambá Tibira



Fonte: Facebook post⁴

Parto, pois, de Tibira porque a cena problematiza o encontro do Norte com o Sul global, do colonizador que impõe sua cultura enquanto extermina a cultura do colonizado. É interessante pensar que a singularidade de Tibira era possível na cosmovisão Tupinambá. O avesso disso é que as demandas da realidade do Norte não eram bem-vindas na Cultura do Sul, restando ao Norte a barbárie da imposição. Como provocação para este trabalho, podemos pensar o lado, ou posição que tomamos diante do saber que acionamos no discurso enquanto professores de línguas: queremos colonizar o corpo do aluno ou queremos tornar sua singularidade, sua ontogênese, seu corpo geo-politicamente localizado

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/tourdelas/photos/a.125364955683667/175415224011973/?type=3>

possível?

Há trabalhos dentro - e fora - do campo da Linguística Aplicada (LA) que se preocupam com a singularidade das vivências, com o ensino de línguas voltado para a co-construção dos sentidos, de modo acionar os saberes dos educandos. Para Paulo Freire, e aqui aproveitamos sua citação como crítica/ diálogo ao que trouxemos acerca do discurso da Ciência citado anteriormente, observa-se que:

Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo, e se careço de responsabilidade, não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa que somos seres *condicionados*, mas não *determinados* (2021, p.20).

Ou seja, a Ciência, a Cultura e o Estado não dão conta de encapsular o singular do sujeito. Parece-nos nesse trecho que Freire, não podemos afirmar, dialoga com a Psicanálise, campo este que se interessa pelo sujeito do Inconsciente (ICs), ao qual não temos acesso e do qual pouco sabemos. No nosso ICs habitam os significantes adquiridos deste Outro⁵ com o qual fazemos laço, bem como nossos traumas, interdições e repressões, mas também nosso real desejo e nosso traço singular. Somos, portanto, resultado de nossas identificações e, também, resultado desse encontro-confronto com o social, daquilo que eu dou conta de sustentar e daquilo que eu devo abrir mão por imposição do Outro que me castra.

Como anunciado anteriormente, há trabalhos que se preocupam com o quanto deixamos de considerar a subjetividade⁶ do aluno. Por exemplo, Claudia Riolfi, em seu livro *“A língua espaiada”* (2015), volta-se para o ensino de português, em uma interface com a Psicanálise, de modo a apresentar um sintoma atual: há uma desarticulação entre a produção de textos e os alunos de diversos níveis do percurso escolar. Ela aponta para um

⁵ “[a] categoria do Outro percorreu toda a Filosofia e de maneira alguma poderia passar despercebida a Lacan, que a aborda durante toda a sua obra, pois que ela não é unívoca durante o seu ensino, passando por diferentes significações, dependendo do contexto em que está inserida. [Temos, portanto] ... o Outro como lugar do inconsciente, o Outro como objeto causa de desejo, o outro do laço social e o Outro como o Outro sexo, portador de um gozo Outro, barrado ao sujeito na posição masculina. Em todas as variações do Outro, ou do outro, está presente ora uma relação de amor, ora uma relação de desejo, ora de gozo” (MOREIRA, 2017, p.9)

⁶ Para compreender melhor sobre o termo, confira Nascimento (2022c). Disponível em:

http://www.poslin.letras.ufmg.br/docs/ebook_xii_seted.pdf?src=16257

sintoma em que a língua estudada não reflete as vivências do corpo daquele aluno, que deve se comprometer com a escrita como exigência do mercado de trabalho. O ápice, como ela mesma ilustra, são textos estilhaçados que não se ancoram no corpo do sujeito, em sua ontogênese. Imagine, carx leitxr, um corpo trans que deseja expressar em sua escrita suas vivências? Como essa escrita seria acolhida no espaço escolar em que você atua, ou que você estudou em seu percurso escolar?

Enquanto você reflete, falta-nos, ainda nesta seção, articular o que são Estudos Decoloniais; podemos partir do que seria ter um pensamento decolonial. Significa, portanto, ter um pensamento que se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) de modo a se abrir para uma pluralidade de vozes e caminhos. Nessa perspectiva, temos que, desde a Modernidade, que se inicia no processo de colonização da América em 1492, “o ano que ainda não terminou” (CADILHE; LEROY, 2023, p.216), o Norte Global impõe suas verdades, sua cultura e seu modelo de civilização. Ou seja,

o eurocentrismo funciona como um locus epistêmico de onde se constrói um modelo de conhecimento que, por um lado, universaliza a experiência local européia como modelo normativo a seguir e, por outro, designa seus dispositivos de conhecimento como os únicos válidos (QUINTERO, FIGUEIRA, ELIZALDE, 2019, p. 7)

Sendo assim,

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal... Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 118).

Os Estudos Decoloniais tem sua base crítica no conceito de raça trazido pelo Norte Global, que ainda perdura no racismo estrutural (FANON, 2008; CAETANO, 2021; NOGUEIRA, 2021; BENTO, 2022) que desloca o corpo preto para as margens, como se fosse menos humano que o corpo branco, um bicho, visto que o construto raça sempre

serviu para denominar categorias de animais. Portanto, temos, escoando do Norte, formas de colonialidade que perpassam o ser, a linguagem, o saber e o corpo (sexo, gênero). Em suma, tudo o que temos de nosso é o nosso corpo. Tudo mais, vem do campo do Outro. O que colocamos aqui é que os saberes que nos habitam precisam ser questionados. Ao questioná-los, podemos traçar sua hereditariedade colonizadora, a qual (de)limita o corpo-sujeito e seu navegar pelo social.

Realidades LGBTQIAPN+: uma questão para a formação de professores de línguas?

Há uma citação de Viana (2009) que sempre me mobiliza a pensar o destino dxs sujeitxs no social, e, principalmente, pensar sobre minhas intervenções na realidade de minhas/ meus alunxs a partir da língua e suas linguagens:

O indivíduo quando nasce encontra um mundo de relações sociais constituído e no qual ele intervém muito pouco. O idioma que terá que usar já está predeterminado. Ele se defrontará com a hegemonia de determinados valores, idéias, sentimentos. Desta forma, o indivíduo nasce num mundo pronto e do qual ele não ajudou a construir (p. 7).

E é a partir desse mundo que o sujeito forja sua identidade, buscando se identificar com aquilo que está disponível no social, sob a supervisão do olhar do Outro. É, também, na sala de aula que nos identificamos com o saber, com nossos colegas e com o espaço escolar, uma verdade que pude constatar ao entrevistar minha sujeita de pesquisa: uma professora de inglês trans, pseudônimo Mulan, que compartilhou a seguinte vivência:

MULAN:

Eu lembro que uma professora de português na quinta série estava fazendo uma coisa de primeiro dia de aula, da primeira aula dela. E ela pediu pra gente sentar e falar com quem que a gente se identificava, né? Ninguém falou nada, ficou todo mundo olhando um pro outro e tal. E a BOCUDA foi lá e levantou a mão e foi falar. Eu falei assim: "Não, porque eu me identifiquei com o colega ali, o Gustavo." Aí todo mundo começou com aqueles risinhos... e aí eu percebi que foi uma coisa, tipo assim: que o meu comentário foi super sexualizado.⁷

⁷ Recorte 2/ Entrevista 1 (Corpus de NASCIMENTO, 2022, p.43).

Os risos e a repressão diante de uma manifestação singular de nossa pesquisada em contexto de sala de aula na infância apontam-nos que o corpo é vigiado e controlado por saberes universalizados. O saber em jogo, nesta cena, é o de que um menino não pode gostar de outro menino porque isso vai de encontro ao que é ser homem em uma realidade cis-heteronormativa no Brasil. Podemos, também, considerar que a professora não fez nenhuma intervenção de modo a amenizar o mal-estar e evitar efeitos traumáticos na relação de Mulan consigo mesma e com o outro. Entretanto, o modo como a professora intervém na realidade diz muito sobre os discursos que a interpelam, sejam aqueles que constituem suas representações imaginárias de mundo, quanto aqueles da hierarquia do ambiente escolar. Intervir na realidade do outro depende do quanto estamos dispostos a nos implicar e comprometer (no sentido do compromisso), principalmente se nossas práticas tendem a ser libertadoras e decoloniais. Infelizmente, o discurso escolar pode ser violento, e as intervenções por parte do professor podem ser vistas como doutrinação ou desvio de seu propósito de formador para o social. Ao mesmo tempo, corpos dissidentes não deixarão de existir; cabe a nós, professores de línguas, adquirir saberes para fazermos uma leitura do espaço escolar/ de formação e nele encontrar brechas por onde estes corpos podem navegar, de modo ético e livres da violência. Podemos buscar respaldo na (in)disciplina da LA, que se esforça para desvelar outros roteiros de vida possíveis (MOITA-LOPES, [2006] 2021), ou na coragem da Linguística Queer (BORBA, 2021, MARQUES, 2021) que aponta o fascismo de estruturas de poder que indexalizam e colocam alhures, longe da festa do homem branco e “supostamente” heterossexual, os corpos dissidentes. Mulan segue dizendo que:

MULAN:

(quando fala de violência na escola) Eu tinha que ficar sempre me defendendo, né? Eu tinha que ficar sempre me defendendo e não tinha ninguém, assim, pra... não existia autoridade ali naquele espaço que respeitava ali o... ou que estava ali pra garantir o meu direito, entendeu?, de ser respeitada⁸.

⁸ Recorte 6/ Entrevista 1 (Corpus de NASCIMENTO, 2022, p.66).

Ainda que as questões de gênero e sexualidade sejam hoje uma responsabilidade do professor de ciências, geralmente na unidade temática “vida e evolução”, habilidade 11 do 8º ano (BRASIL, 2018), o tema não cessa em se inscrever em qualquer disciplina. Devemos, também, respaldar-nos em documentos oficiais que garantam o acesso dos alunos à informação sobre gênero e sexualidade, de modo integral e adequado à idade (UNESCO, 2019). O relato acima mostra que Mulan foi uma criança dissidente desamparada pelo Estado e jogada à violência constante, uma vez que a singularidade de sua corpa suscitava, e ainda suscita, a violência por parte de seus colegas. Desconstruir a violência contra corpos/ corpos dissidentes se faz pelo diálogo e abordagem ao tema, espaço escasso nas escolas, porém ainda possível⁹. Em suma, as realidades LGBTQIAPN+ são sim uma questão para a formação de professores de línguas, visto que estas corpos e corpos habitam nossas salas e é dever nosso garantir a sobrevivência de todes, todas e todos no espaço escolar.

(In)conclusões

Nosso trabalho buscou aprofundar uma discussão já iniciada (NASCIMENTO, 2022) a partir do questionamento do saber que tomamos como verdade (FOUCAULT, [1969] 1972) de modo a lançar um olhar crítico a partir dos Estudos Decoloniais (QUINTERO et al, 2019; QUIJANO, 2005) que questionam os saberes que escorrem do Norte Global enquanto buscam engajar uma emancipação do Sul deste que o coloniza.

Podemos concluir que o trabalho do professor de línguas também perpassa as questões de gênero e sexualidade, uma vez que é pela língua e suas linguagens que as realidades são forjadas. Em contexto escolar, há discursos que atravessam e interpelam as práticas do professor, podendo limitar suas propostas interventivas diante das desigualdades e injustiças que habitam, também, a sala de aula de línguas. Em suma, não há uma receita pronta que possamos seguir e dela obter respostas satisfatórias que desmontem o preconceito e a indiferença para com os corpos LGBTQIAPN+. O discurso

⁹ Como sugestão, sugiro o trabalho de Sara Wagner York (2020) que se debruça a compreender o que possibilita travestis chegarem ao espaço acadêmico e ali conseguirem permanecer.

de ódio é poroso, e é pelos poros, pelas brechas, rachaduras e fendas que conseguiremos atuar politicamente em defesa de nossos alunos.

REFERÊNCIAS:

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. - 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BORBA, Rodrigo. Discursos transviados: por uma linguística queer. 1. ed. São Paulo: Cortez editora, 2020. v. 1. 404p .

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 27 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, nº 247, 23.12.2019, Seção 1, p.115, 2019.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Caminhos Divergentes. São Paulo: Boitempo, 2017.

CADILHE, A. J. P. ; LEROY, H. R. Políticas Linguísticas, Colonialidade e Formação Docente: Projetos de Lei sobre a Linguagem. In: Simone Tiemi Hashiguti; Alexandre José Cadilhe; Ivani Rodrigues Silva. (Org.). Transculturalidade, Linguagem e Educação: diálogos e (re)começos. 1ed.Campinas - SP: Pontes Editores, 2023, v. 1, p. 206-237.

CAETANO, ÉRIKA AMÂNCIO. Colonizador, Jesuíta ou Ditador? Refletindo sobre o impacto da herança colonial na formação da identidade docente e cultura escolar no ensino de línguas no Brasil. In: CAETANO, ÉRIKA AMÂNCIO. (Org.). Pós-memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: as origens do status quo. 1ed.São Carlos: Pedro e João, 2021, v. 1, p. 11-29.

EDELMAN, Lee (2021). O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte. Periódicus, 14(2), 248–275.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Rafael Estevão. *Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (doutorado), 383 (f). CEPPAC-UnB, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa : Centro do Livro Brasileiro, 1972. 260p. [Edição Original publicada em 1969].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 68ª ed. São Paulo: Editora Paz&Terra, 2021.

GUTMANN, Matthew, *O Fetiche Totêmico Da Sexualidade Masculina: Oito Erros Comuns (The Totemic Fetish of Male Sexuality: Eight Common Errors)* (2009). *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 24:5-20 (2009).

LACAN, Jacques-Marie Émile. [1969-1970] *O Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

LIMA, F. (2014). É possível um ESTADO* que abarque a multidão queer? Breves considerações sobre a política sexual na biopolítica contemporânea. *Revista Periódicus*, 1(1).

MARQUES, Matheus Odorisi. *Ideologia homofóbica e referenciação: análise de uma pregação neopentecostal*. In: Rodrigo Borba. (Org.). *Discursos transviados: por uma lingüística queer*. 1ed.São Paulo: Cortez editora, 2020, v. 1, p. 213-241.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado*. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar*. 2. ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2021 [2006]. p. 169-190.

MOREIRA, A. da S. *As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o amor, o desejo e o gozo*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia Strictu Sensu, da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em:http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/9365/1/tese_10794_DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-final-SAPPG-CORRIGIDO.pdf Acesso: 06/03/2021.

NASCIMENTO, R. de S. L. *Reflexões sobre gênero e sexualidade: a formação de professores de inglês para as realidades LGBTQIA+*. *Trem de Letras*, v. 9, n. 2, p. e022003, 17 ago. 2022.

NASCIMENTO, Rafael de Sousa Lopes. A professora de inglês trans: um estudo de caso à luz dos Estudos Queer e da Psicanálise. 2022. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022b.

NASCIMENTO, Rafael de Sousa Lopes. O congelamento da subjetividade: a professora de Inglês trans pelas lentes dos Estudos Queer e da Psicanálise. In: MATTOS, Elisa; PASTORINI, Vanessa; MURTA, Michelle et al. (org.). Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022c. v. 1, p. 1-501.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A cor do inconsciente: significações do corpo negro. -1.ed - São Paulo: Perspectiva, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. LANDER, Edgardo (org). Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA Patrícia; ELIZALDE Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. Masp Afterall, São Paulo, p. 1-11, 2019.

RIOLFI, Claudia Rosa. A língua espreada. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

SAX, Leonard. (2005). Por que gênero importa? Tradução Paulo Polzonoff. São Paulo: LVM Editora, 2019.

UNESCO. Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade - Uma abordagem baseada em evidências. UNESCO, 2019. p. 35-83.

VIANA, Nildo. Linguagem, discurso e poder: Ensaios sobre Linguagem e Sociedade. Pará de Minas (MG): Virtual Books, 2009. 101p.

YORK, Sara Wagner. TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPED, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2020.